

A SEGUNDA QUEDA DO MURO

Augusto de Franco (2010)

Tempo estimado de leitura: 4 minutos



Em 1989 foi a primeira queda: a do Muro de Berlim. O episódio, pleno de significado simbólico, assinalou o início de uma época de mudanças nos padrões de relação entre Estado e sociedade. Um processo até então oculto de mudança social tornou-se visível de repente. Embora fugaz, o momento abriu uma brecha pela qual se pode ver um novo tecido societário em gestação, uma nova topologia - mais distribuída - da rede social sendo tramada. Com efeito, nos anos seguintes, como se diz, "o mundo mudou": a internet (com a *world wide web*) nos anos 90 expressou aspectos importantes dessa mudança profunda. Estávamos no *outono das redes*.

Os anos 2000, contrariando uma penca de profecias futuristas, não raro inspiradas por algum tipo de milenarismo, e frustrando as mais animadoras expectativas da *New Age*, não consumaram o que foi prefigurado. A primeira década do século 21 - marcada indelevelmente pela queda das torres gêmeas do *World Trade Center* - conquanto tal evento também seja riquíssimo de significado simbólico (místico, como revela a famosa Carta 16 do Tarot; e ideológico: o que ruiu foi um centro mundial de comércio, dando a alguns a impressão, regressiva, de que a prevalência da dinâmica reguladora do mercado estava com os dias contados), não foi o vestíbulo de entrada para aquele terceiro milênio imaginário desejado.



No entanto, subterraneamente, prosseguiu a gestação de novos padrões societários. O mundo descobriu as redes. Entrou em franco desenvolvimento uma nova ciência das redes. E surgiram por toda parte novas plataformas tecnológicas interativas de articulação e animação de redes sociais. As ferramentas começaram a ficar disponíveis. Faltaram ao encontro apenas as pessoas, em grande parte ainda arrebanhadas e cercadas nos tradicionais currais organizativos.

A despeito do fato, incontestável, de a dinâmica global da interação entre as velhas instâncias organizativas ter mudado, anunciando a emergência de uma verdadeira sociedade-rede, um novo padrão de organização distribuído não logrou se materializar no interior e no entorno das organizações empresariais, governamentais e sociais, que continuaram ainda se estruturando de modo centralizado ou hierárquico. Ou seja, o muro que caiu em 1989, caiu para o mundo construído pelo *broadcasting* como um único mundo, sob o efeito das poderosas forças da globalização (sobretudo da globalização das telecomunicações e da globalização dos mercados), mas não chegou a se localizar nas organizações realmente existentes em todos os setores. A mudança continuou acontecendo, mas os novos (e múltiplos) *Highly Connected Worlds* como que "cresceram escondidos" nesta época de mudança e não apareceram ainda à luz do dia, de sorte a consumir o que poderíamos chamar de uma mudança de época. Estes "mundos-bebês" estão agora em gestação. Estamos no final do *inverno das redes*.

A primeira queda do muro foi uma queda no plano global, assinalando o início de uma época de mudanças nos padrões de relação societários. Mas como o sentido do processo que estamos vivendo não é apenas o de globalização e sim o de glocalização, falta ainda uma segunda "queda do muro" no plano local para que se consuma a já prenunciada mudança de época.



Não será mais, entretanto, *uma* (única) queda, de *um* (único) muro. Serão muitas quedas, provavelmente em cascata ou *swarming*, de muitos muros. Do ponto de vista dos movimentos invisíveis que se processam no espaço-tempo dos fluxos, naquele multiverso de conexões ocultas que "produzem" o que chamamos de 'social', 'muro' significa centralização, obstrução de fluxo. Onde quer que existam "muros" impedindo o livre curso de fluídos, "muros" estes que caracterizam organizações mais centralizadas do que distribuídas, poderá haver uma "queda".

A segunda queda do muro será fractal. Cada mundo altamente conectado que emergirá após a segunda queda, será o mundo todo, como se fosse uma imagem holográfica de uma nova matriz de mundo mais distribuído. Não um mundo interligado - pois que isso já se materializou desde que a conexão global-local tornou-se uma possibilidade - e sim um mundo-gerador intermitente de novos, inéditos, mundos altamente tramados, para fora e para dentro, que emergirão a cada instante. Essa será, propriamente falando, a *primavera das redes*.



Os fenômenos acompanhantes desse *global swarming* serão surpreendentes. Alguns já começaram a se manifestar: uma tendência acentuada à desobediência dentro das organizações hierárquicas (1), a incapacidade dessas organizações de inovar no ritmo exigido pelas mudanças contemporâneas (ou melhor, de se estruturar para inovar permanentemente) e - o que é mais drástico - as perdas irreversíveis de oportunidades e condições de sustentabilidade para as organizações fechadas que não forem capazes iniciar a transição (2) do seu padrão piramidal para um padrão de rede.

Notas e referências

(*) Este artigo - minha provocação à CIRS Conferência Internacional sobre Redes Sociais = <http://migre.me/ihIH> é uma parte já desenvolvida do link (1) do texto Parar entrar no Terceiro Milênio = <http://migre.me/ihbl> consolidado com o título FRANCO, Augusto (2010): Eles já estão entre nós (roteiro preliminar para ulterior desenvolvimento) = <http://migre.me/ihbz>

(1) Cf. o artigo Desobedeça = <http://migre.me/ihcu> consolidado como FRANCO, Augusto (2010): Desobedeça: uma inspiração para o netweaving = <http://migre.me/ihc2>

(2) Cf. o tema do Grupo da Escola-de-Redes: TRANSIÇÃO ORGANIZACIONAL = <http://migre.me/ihck>